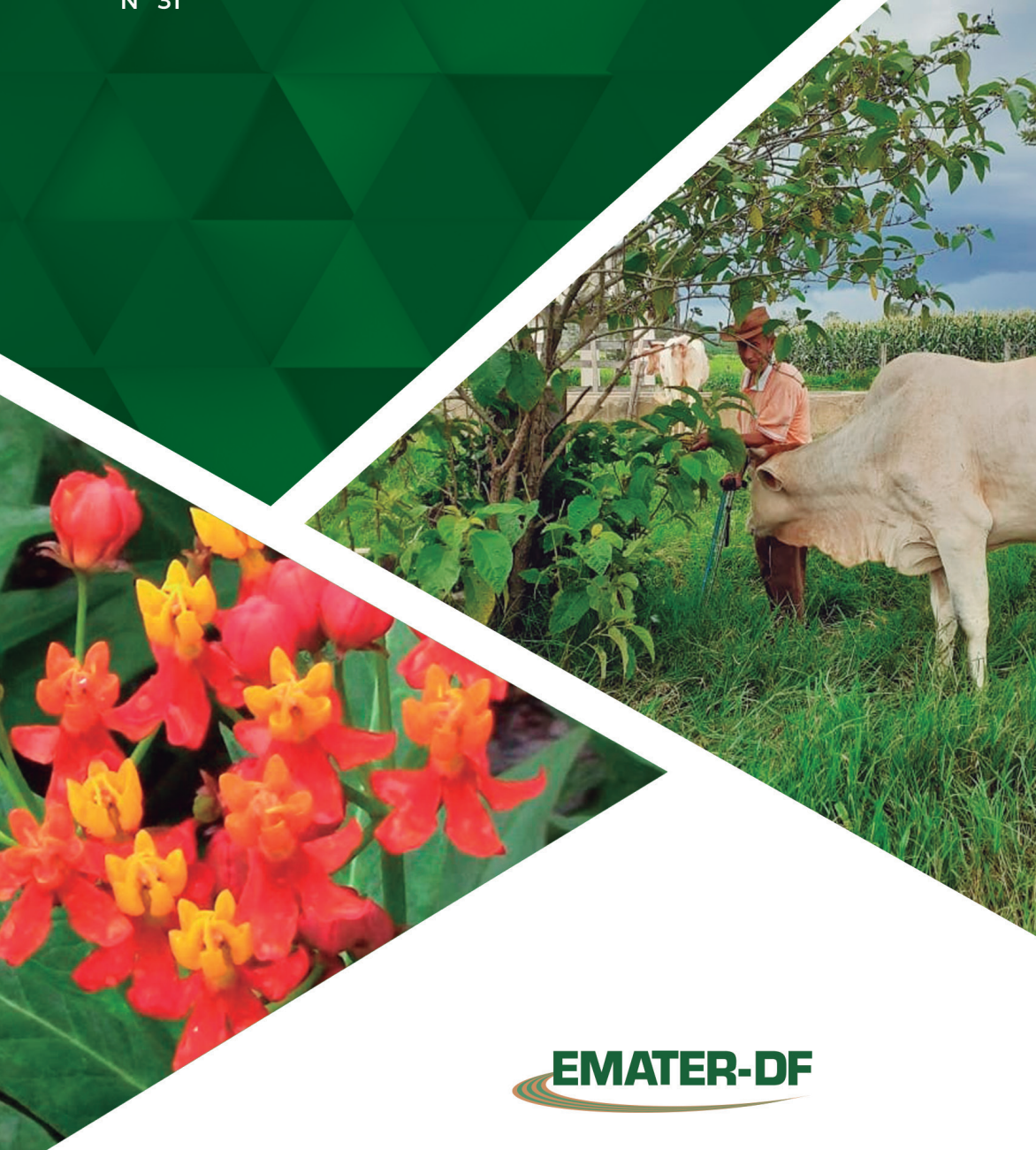


INTOXICAÇÃO ANIMAL IDENTIFICAÇÃO E DIAGNÓSTICO

COLEÇÃO EMATER-DF

Nº 31



Governo do Distrito Federal

Ibaneis Rocha Barros Júnior

Governador

Secretaria de Agricultura, Abastecimento e Desenvolvimento Rural

Cândido Teles de Araújo

Secretário

Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Distrito Federal

Denise Andrade da Fonseca

Presidente

Loiselene Carvalho da Trindade Rocha

Diretora Executiva

Missão da EMATER-DF

Promover o desenvolvimento rural sustentável e a segurança alimentar,
por meio de Assistência Técnica e Extensão Rural de excelência em
benefício da sociedade do Distrito Federal e Entorno.

Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Distrito Federal
Secretaria de Estado da Agricultura, Abastecimento e Desenvolvimento Rural
Governo do Distrito Federal



INTOXICAÇÃO ANIMAL: IDENTIFICAÇÃO E DIAGNÓSTICO

Oswaldo Leite Ribeiro
Giselle Beber Canini



Brasília, DF
2021

Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do
Distrito Federal (Emater-DF)
Parque Estação Biológica, Ed. Sede
CEP: 70770-915 Brasília, DF
Fone: (61) 3311-9330
emater@emater.df.gov.br

Revisão técnica:

Karina Leite Miranda Guimarães
Renato de Carvalho Lopes

Diagramação:

i7 Agência (73) 98831-2167

Comitê de Publicações:

Presidente:
Pedro Ivo Braga Passos

Membros:

Sérgio Dias Orsi
Leandro Moraes de Souza
Luciana Umbelino Tiemann Barreto
Kelly Francisca Ribeiro Eustáquio
Carolina Vera Cruz Mazzaro
Égle Lúcia Breda
Adalmyr Moraes Borges
Marcos de Lara Maia

Ficha Catalográfica:

Kelly Francisca Ribeiro Eustáquio CRB1-2.171

Conteúdo protegido por Direito autoral nos termos da Lei nº 9.610 de 1998.

R484 Ribeiro, Osvaldo Leite.

Intoxicação animal: identificação e diagnóstico / Osvaldo Leite Ribeiro; Giselle Beber Canini. - Brasília, DF: Emater-DF, 2021.

39 p.; il. - (Coleção Emater-DF ; n. 31).

ISSN: 1676-9279

1. Intoxicação animal. 2. Planta tóxica. 3. Doença animal. 4. Extensão rural.

I. Canini, Giselle Beber. II. Emater-DF. III. Título.

CDU: 619

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	07
Introdução.....	09
1-Espécies de interesse pecuário no DF e Entorno	10
I - Caruru de espinho (<i>Amaranthus spinosus</i> L.).....	10
II - Erva de rato (<i>Palicourea marcgravi</i>).....	12
III- Mamona (<i>Ricinus communis</i>).....	13
IV – Brachiária (<i>B. decumbens</i> , <i>B. brizanta</i>).....	15
V - Xique-xique (<i>Crotalaria sp.</i>)	17
VI - Coerana (<i>Cestrum sp.</i>).....	18
VII - Samambaia (<i>Pteridium aquilinum</i>).....	20
VIII - Fedegoso (<i>Senna occidentalis e Senna obtusifolia</i>).....	21
IX - Paininha (<i>Asclepias curassavica</i>).....	23
X - Cravo de defunto (<i>Tagetis minuta</i>).....	24
XI - Camará (<i>Lantana camara</i>).....	25
XII - Jurubeba (<i>Solanum paniculatum</i>).....	27
XIII - Mandioca (<i>Manihot tripartita e Manihot utilissima</i>).....	28
XIV - Sorgo forrageiro (<i>Sorghum bicolor</i>).....	29
XV - Faveira (<i>Dimorphandra mollis</i>).....	31
XVI - Barbatimão (<i>Stryphnodendron sp.</i>).....	32
XVII – Leucena (<i>Leucaena leucocephala</i>).....	33
2 - Intoxicações químicas.....	34
I - Ureia.....	34
II - Intoxicação por sal (<i>NaCl</i>).....	35
III – Carrapaticidas.....	36
IV - Raticidas.....	36
Considerações finais.....	37
Referências.....	39

APRESENTAÇÃO

A Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Distrito Federal (Emater-DF), vinculada à Secretaria de Estado da Agricultura, Abastecimento e Desenvolvimento Rural (Seagri-DF), tem a satisfação de apresentar a Coleção Emater-DF de publicações técnicas, criada a partir da seleção dos principais trabalhos publicados pela Emater-DF desde sua fundação. Esta coleção reúne uma série de temas da atividade agropecuária, fruto da experiência técnico-científica aplicada pelos extensionistas na área rural do Distrito Federal.

Além das atualizações e cuidadosa revisão técnica, os livretos que compõem a coleção receberam formatação gráfica padronizada e numeração seriada possibilitando, conseqüentemente, o colecionamento pelos usuários.

Nossos reconhecimentos às pessoas e instituições cujas parcerias, ao longo dos anos, possibilitaram a elaboração desta coleção.

INTRODUÇÃO

No trabalho de extensão rural, a clínica faz parte do cotidiano do médico veterinário e muitas vezes não é possível fechar o diagnóstico, principalmente por falta de exames laboratoriais. Para a maior assertividade no diagnóstico, deve-se ter uma visão global da propriedade, percebendo inicialmente as possíveis causas ambientais de problemas aos animais antes de pensar em doenças bacterianas, virais, nutricionais e outras.

Os principais sintomas relatados pelos produtores e trabalhadores rurais são diminuição do apetite, apatia e isolamento. Tais sintomas são comuns à maioria das doenças, dificultando o diagnóstico. Diante deste quadro, deve-se inicialmente avaliar a temperatura do animal e os sintomas urinários, digestivos, nervosos, musculares e circulatórios, entre outros que podem ser indicadores de possibilidade de intoxicação por plantas, produtos químicos ou obstruções por diversos tipos de materiais.

Na natureza, um grande número de espécies vegetais apresentam princípios ativos capazes de promover distúrbios em animais. São classificadas como plantas tóxicas de interesse pecuário as espécies que ingeridas, em condições naturais, espontânea ou acidentalmente pelo animal, causam danos à saúde ou morte (TOKARNIA et al., 2000). A falta de pastagens adequadas e a escassez de alimentos são os principais fatores responsáveis pelas intoxicações e morte dos animais (ANDRADE; MATTOS, 1968).

Os prejuízos podem ser classificados em perdas diretas (morte, perda de peso ou redução do crescimento, distúrbios reprodutivos) e indiretas (custo médicos, construção de cercas, alterações no manejo) (JAMES et al., 1992). Intoxicações por plantas podem afetar indiretamente seres humanos, com a contaminação do alimento produzido (carne, leite, ovos e mel) por resíduos de toxinas das plantas.

Essa publicação apresenta as principais espécies de plantas e fatores químicos responsáveis por intoxicação (Figura 01), além de acidentes em animais de produção no Distrito Federal. O objetivo é compartilhar a experiência de profissionais da extensão rural, facilitando o diagnóstico dos animais e permitindo a identificação das plantas tóxicas na propriedade.



Figura 01. Animal intoxicado por ureia.

Fonte: Osvaldo Leite

1-Espécies de interesse pecuário no DF e Entorno

I - Caruru de espinho (*Amaranthus spinosus* L.)

Muito encontrado em áreas com bastante esterco. Apesar dos espinhos, é muito consumido por bovinos, ovinos e caprinos. Encontrado em quase todas propriedades rurais.

É um subarbusto de crescimento ereto de 20 a 80 cm de altura, bastante espinhoso, anual, com flores e sementes durante o ano todo (figuras 02 e 03). Suas sementes são espalhadas pelas fezes do gado, por isso encontrada em volta dos currais, cocheiras, porteiras e “maiadores”.



Figura 02. Caruru de espinho.

Fonte: Emater-DF.



Figura 03. Caruru de espinho.

Fonte: Emater-DF.

Sintomas

- Falta de apetite;
- Emagrecimento rápido;
- Diarreia escura e fétida;
- Edema de mandíbula e barbela;
- Dificuldades em levantar e andar (passa a maior parte do tempo deitado);
- Desprendimento dos cascos em alguns animais;
- Pode se confundir com febre aftosa, verminoses e acidente ofídico.

Tratamento/controle

- Hidratação oral ou injetável.

II - Erva de rato (*Palicourea marcgravii*)

É a mais temida das plantas tóxicas. Encontrada nas matas ciliares e de grotas secas de campos e cerrados.

Conhecida também por cafezinho, erva café ou simplesmente erva. Em muitas regiões, quando produtores e trabalhadores dizem que o animal está ervado, eles estão se referindo a esta planta. Quando pequena, esta planta parece muito com uma muda de café e por isso o nome comum cafezinho é utilizado. Em silos de armazenagem de milho, é utilizada para afastar os ratos recebendo o nome vulgar “erva de rato”.

É um arbusto de caule lenhoso seco com nós e quebradiço que cresce até 1,5m. Suas folhas são lanceoladas, oposta se quando novas arroxeadas em seu dorso. Tem panículas terminais arroxeadas com flores amarelo e vermelho transformando-se em frutos tipo baga de coloração escura quando maduros, ficando quase pretos. Os frutos possuem duas lojas com sementes. Floresce de novembro a março e frutifica de janeiro a julho (figuras 04 e 05).



Figura 04. Erva de Rato.
Fonte: Emater-DF



Figura 05. Erva de Rato.
Fonte: Emater-DF

Sintomas

- Andar cambaleante;
- Tremores musculares;
- Desequilíbrio do quarto posterior;
- Dispneia (falta de ar);
- Convulsões.

Diagnóstico

Morte súbita de animais ou animais encontrados mortos. Na literatura consta que sinais clínicos aparecem com 12 horas, mas há relatos de bovinos que morreram em poucos minutos após ingestão da planta (TOKARNIA et al., 2000).

Ela é procurada pelos bovinos mesmo em época de pastagem abundante, pois é palatável. Se o rebanho, por exemplo, se refugiar de moscas dentro de uma mata com a presença da erva, pode comê-las.

Tratamento/controle

- Não movimentar os animais, para evitar esforço do animal, pois pode agravar o quadro de intoxicação;
- Purgantes;
- Soros glicosados e outros protetores hepáticos.

III - Mamona (*Ricinus communis*)

É muito comum no Distrito Federal. É um arbusto que cresce até 2,5m de altura, tem frutos com três cocos dos quais se extrai óleo e azeite (figuras 06 e 07).

Desenvolve-se muito bem em áreas com lixo orgânico acumulado. Não é muito palatável, mas em escassez de alimento, os bovinos consomem as folhas. As sementes são consumidas por bovinos, equinos, ovinos, suínos e aves, causando intoxicação.



Figura 06. Mamona.
Fonte: Giselle Canini



Figura 07. Mamona.
Fonte: Giselle Canini.

Sintomas

Aparecem de 3 a 6 horas até 3 dias após o consumo e se manifestam de formas diferentes dependendo da parte da planta consumida.

Folhas:

- Sintomas neuromusculares (andar cambaleante, tremores musculares);
- Sialorreia (baba);
- Eructação (arrotos) evoluindo para recuperação ou morte rápida.

Sementes:

- Diarreias sanguinolentas;
- Perda de peso;
- Anorexia;
- Falta de coordenação;
- Vômitos.

Nas aves, os sintomas são:

- Queda das asas, penas eriçadas, cristas e barbelas acinzentadas;
- Diminuição de crescimento das aves jovens.

Nos suínos, os sintomas são:

- Diarreias sanguinolentas;
- Falta de coordenação;
- Vômitos.

As sementes podem causar quadro clínico variado, coriza, dermatite, conjuntivite e asma, devido a presença de produtos alergênicos.

Tratamento/controle

- Purgantes;
- Soroterapia oral ou injetável.

IV – Brachiária (*B. decumbens*, *B. brizanta*)

É uma gramínea forrageira muito usada em todo o Brasil, cresce bem em solos ácidos sendo muito invasiva e espalha com facilidade.

Presente na maioria das propriedades (figuras 08 e 09). Causa intoxicação em ovinos, bovinos, bubalinos, equinos e caprinos, afetando principalmente os animais com idade entre 3 e 5 meses. Até pouco tempo, sua toxicidade era relacionada a um fungo (*Pithomyces chartarum*), porém, estudos mais recentes demonstraram que o princípio tóxico vem de derivados de saponina presentes na brachiária (CRUZ et al. 2000, MOREIRA et al. 2009).



Figura 08. Braquiária.
Fonte: Osvaldo Leite.



Figura 09. Braquiária.
Fonte: Osvaldo Leite.

Sintomas

- Lesões de fotossensibilização (queimaduras ou feridas em áreas despigmentadas nos animais), principalmente regiões do corpo mais expostas ao sol;
- Dermatites em volta dos olhos e boca;
- Edemas na barbela e peito;
- Icterícia;
- Diarreia em bovinos;
- Emagrecimento progressivo;
- Corrimento ocular;
- Problemas hepáticos;
- Cólicas em equinos (quando ingerem as sementes).

Tratamento/controle

- Retirar os animais do pasto;
- Evitar colocar bezerros e ovinos em pasto com braquiária;
- Pomada cicatrizante ou hidratante nas lesões.

V - Xique-xique (*Crotalaria* sp.)

São leguminosas nativas ou plantadas para adubação verde. Conhecida também como chocalho e guizo de cascavel. Existem mais de 40 espécies de crotalárias no Brasil. Podem causar danos em ovinos, bovinos, equinos e suínos (figuras 10 e 11).

Suas sementes, quando secas, ficam soltas dentro do fruto e quando balançadas fazem um barulho de chocalho parecido com o som provocado pelo chocalho de cascavéis. Em latim crotalária significa chocalho por isso recebeu esse nome.



Figura 10. Xique-xique.
Fonte: Osvaldo Leite.



Figura 11. Xique-xique.
Fonte: Osvaldo Leite.

Sintomas

- Principalmente problemas hepáticos e pulmonares;
- Intoxicação de forma aguda: morte em poucos minutos. (Sintomas respiratórios e neurológicos, perda do controle dos membros posteriores, respiração pela boca);
- Intoxicação de forma crônica: perda de apetite, emagrecimento, icterícia, andar em círculo.

Tratamento/controle

- Hidratação oral e injetável;
- Protetores hepáticos;
- Retirada dos animais do pasto.

VI - Coerana (*Cestrum sp*)

Existem mais de 250 espécies distribuídas na América Latina.

C. axillare: Arbusto de até 3,5 m de altura, florescem a partir de julho/agosto. Suas folhas, ao esmagamento, produzem odor forte e característico. Suas folhas são oblongas com cor verde brilhante e os frutos, quando maduros, produzem tintas arroxeadas que eram usados para tingir roupas, por isso conhecido como azulão (figuras 12 e 13).

C. nocturnum: Muito usados em jardins, pois possui cheiro agradável durante à noite, por isso conhecida como dama da noite.

São muito encontradas em taperas, ao lado de cerca e ou em locais com acúmulo de matéria orgânica. Coeranas são tóxicas apenas para ruminantes (bovinos, caprinos e ovinos). Raramente equinos se intoxicam com essa planta, pois ela não é palatável para eles.

Produz intoxicação no período da seca ou na rebrota após roçagem de pasto. Mesmo seca produz intoxicação.



Figura 12. Coerana
Fonte: Giselle Canini.



Figura 13. Coerana
Fonte: Giselle Canini.

Sintomas

Os sintomas são muito confundidos com os da raiva e tem curso rápido, de 4 a 72h ou até 7 dias. Bovinos e bubalinos podem ser intoxicados.

- Aparecimento de animais mortos;
- Perda de apetite;
- Parada ruminal;
- Dorso arqueado;
- Isolamento;
- Narinas ressecadas;
- Micções frequentes;
- Mais tardiamente apresentam sintomas nervosos: tremores, andar cambaleante, agressividade, olhos vidrados.

Tratamento/controle

- Hidratação oral ou injetável;
- Purgantes.

VII- Samambaia (*Pteridium aquilinum*)

Planta rasteira, de rizoma suculento. Cresce bem em terrenos de pH ácido. Tratos culturais com uso de calcário praticamente eliminam a planta. Cresce bem em lugares mais altos, beira de estradas, matas, capões e áreas de cultivo abandonadas (figuras 14 e 15).

É tóxica verde ou seca e possui vários fatores intoxicantes: glicosídeos cianogênicos, tiaminase (tóxica para equídeos), ácido chiquímicos e fator radiomimético, que produz anemia e hematúria.

Espécies sensíveis são bovinos, equinos, bubalinos, suínos e ovinos.

Apesar de não ser muito palatável, o animal está sempre consumindo em condições de escassez de pasto ou brotação após a roçagem.



Figura 14. Samambaia.

Fonte: Emater-DF.



Figura 15. Samambaia.

Fonte: Osvaldo Leite.

Sintomas

Aparecem entre 12 horas a 2 meses depois da retirada do pasto ou ingestão da planta.

- Equinos: sintomas nervosos, devido a fatores antitiamina.
- Bovinos:
 - Animais jovens: edema na garganta, secreção nasal, tristeza e aumento da temperatura corporal.
 - Animais adultos: forma entérica é mais comum. Anorexia, fezes escuras, fétidas ou com sangue. No final pode ter febre entre 41 e 42°C.

Tratamento/controle

- Tiamina (B1)100 mg por até 14 dias;
- Vitamina K de acordo com prescrição de um médico veterinário;
- Hidratação oral ou injetável;
- Retirada dos animais das áreas com samambaia.

Obs.: Casos crônicos com neoplasias não se recuperam.

VIII - Fedegoso (*Senna occidentalis* e *Senna obtusifolia*)

Também conhecido como mata pasto ou manjerioba. É uma planta perene, subarborescente, lenhosa, ereta, medindo de 70 a 160 centímetros de altura e com folhas alternadas. Sua inflorescência possui terminais e auxiliares, em racemos com poucas flores de coloração amarela e vagens, quase cilíndricas (angulosas), recurvadas de 10 a 20 centímetros de comprimento (figuras 16 e 17). Cresce bem em áreas com acúmulo de esterco, pois são espalhados pelas fezes dos animais.

A intoxicação acontece pela ingestão da planta, que é pouco palatável, mas as favas são procuradas pelos animais.

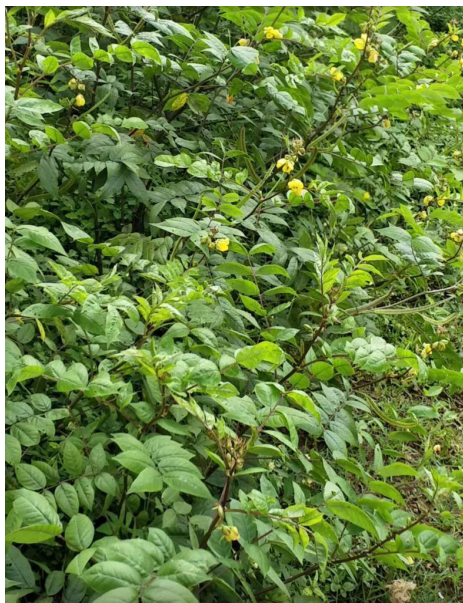


Figura 16. Fedegoso.
Fonte: Giselle Canini.



Figura 17. Fedegoso.
Fonte: Giselle Canini.

Sintomas

- Anorexia;
- Sintomatologia nervosa (andar cambaleante, tremores dos músculos da coxa, pescoço, relutância em levantar, instabilidade dos membros pélvicos);
- Fezes ressecadas ou diarreia.

Tratamento/controle

- Purgantes;
- Hidratação oral ou injetável.

IX - Paininha (*Asclepias curassavica*)

Conhecida também como leiteirinha, oficial de sala, erva de rato falsa, capitão de sala, algodãozinho.

É um arbusto de até 1m de altura, com várias propriedades medicinais. Muito comum em pastos nas proximidades de currais (figuras 18 e 19). É pouco palatável, possui uma substância leitosa em seu caule e dificilmente é pastejada pelos animais, mas é muito tóxica para bovinos.



Figura 18. Paininha.
Fonte: Osvaldo Leite.



Figura 19. Paininha
Fonte: Osvaldo Leite.

Sintomas

- Perda de apetite;
- Diarreia fétida;
- Timpanismo;
- Dispneia;
- Edema submandibular;
- Pescoço esticado e perturbações nervosas;
- Tremores;
- Perda de equilíbrio.

Tratamento/controle

- Soro glicosado;
- Purgante soro oral.

X - Cravo de defunto (*Tagetis minuta*)

Bastante comum na região de Brazlândia, Distrito Federal. Existem poucos trabalhos sobre intoxicação para os bovinos. É uma erva anual, ramificada ereta medindo de 1 a 2 m de altura, com folhas talosas, opostas, verdes, levemente brilhantes, com 7 a 15 cm de comprimento. Os segmentos foliares são lanceolados com margens finamente serradas. A planta possui panículas congestas com 20 a 80 capítulos que são pequenos, medem cerca de 10 a 15 mm de comprimento, e 10 a 20 mm de diâmetro com flores raio amarelo alaranjadas (figuras 20 e 21). Usado para tratar angina, cólica uterina, reumatismo na medicina humana, e como inseticida, na agricultura.



Figura 20. Cravo de defunto.
Fonte: Osvaldo Leite.

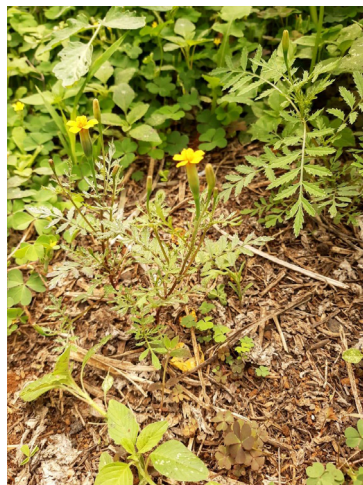


Figura 21. Cravo de defunto.
Fonte: Osvaldo Leite.

Sintomas

- Inicialmente diarreia (que às vezes melhora);
- Emagrecimento progressivo;
- Retardo no crescimento;
- Pode levar à morte.

XI - Camará (*Lantana camara*)

Também conhecida por Chumbinho ou Margaridinha. É um arbusto com caule liso ou espinhoso, com até 3m. Possui folhas ásperas, com odor agradável, flores com corola amarelo avermelhadas e frutos redondos de cor roxo escuro, quase preto (chumbinho). É encontrada em solos de média a boa fertilidade como beirada de matas, capoeiras, lavouras (figuras 22 e 23).

Existem muitas variedades diferenciadas pela forma das folhas, caule liso ou com espinhos, tamanho e tonalidade das flores. Também são usadas em jardins como planta ornamental.



Figuras 22. Camará.
Fonte: Emater-DF.



Figuras 23. Camará.
Fonte: Giselle Canini.

Sintomas

- Anorexia;
- Parada ruminal;
- Diarreia escura;
- Urina escura;
- Icterícia;
- Lesões de fotossensibilização;
- Fezes ressecadas e em pouca quantidade.

Tratamento/controle

- Soro glicosado;
- Hidratação oral ou injetável;
- Purgantes (se apresentar fezes ressecadas);
- Roçagem dos pastos.

XII - Jurubeba (*Solanum paniculatum*)

É um arbusto de caule espinhoso, folhas cordiformes, sinuosas e angulosas, lisas na parte superior e peludas na parte inferior. As flores são terminais, dispostas em panículas e de coloração lilás. O fruto é uma baga esférica de cor verde clara (figuras 24 e 25). Todas as partes da planta são amargas. É utilizada na culinária para fazer conservas e conhaques. Pode causar intoxicação em bovinos por consumo exagerado ou em pouca quantidade por vários dias, pois tem efeito acumulativo.



Figura 24. Jurubeba.
Fonte: Osvaldo Leite.



Figura 25. Jurubeba.
Fonte: Osvaldo Leite.

Sintomas

- Queda;
- Nistagmo (movimentos involuntários dos olhos);
- Opistótono (corpo em forma de arco);
- Extensão dos membros anteriores e posteriores;
- Dificuldade de equilíbrio.
- Obs.: Os sintomas podem ser agravados caso os animais sejam forçados a se movimentarem ou são assustados.

Tratamento/controle

- Retirada dos pastos onde a planta está presente;
- Hidratação oral ou injetável;
- Purgantes.

XIII - Mandioca (*Manihot tripartita e Manihot utilissima*)

A planta de mandioca possui caule subarborescente, ereto, com nós e gemas que permitem a propagação vegetativa (maniva). As folhas da mandioca são caducas, simples, lobulares (três a nove) de cor púrpura a verde escura (figuras 26 e 27). Uma característica comum da família é a produção de uma secreção leitosa, o látex, quando a planta é ferida. As raízes tuberosas da mandioca possuem formas e apresentam tamanhos distintos apresentando grande variação entre e dentro de indivíduos de uma mesma cultivar.

O uso da planta e raízes frescas pode causar intoxicação para os animais. Muitos produtores oferecem aos animais a casca da mandioca, subproduto do processamento da planta. As cascas têm grande concentração de ácido cianídrico e são causadoras de intoxicação.



Figura 26. Raiz da Mandioca.

Fonte: Osvaldo Leite.



Figura 27. Folha da Mandioca.

Fonte: Osvaldo Leite.

Sintomas

- Abortos;
- Perda de apetite;
- Mucosas cianóticas;
- Tremores;
- Andar cambaleante;
- Opistótono (corpo em forma de arco);
- Nistagmo (movimentos involuntários do olho).

Tratamento/controle

- Solução aquosa de tiosulfato de sódio a 20%, fornecer 5 ml para cada 10 kg de peso vivo, via oral.
- Picar as mandiocas e secar pelo menos 1 dia antes de fornecer aos animais.

XIV - Sorgo forrageiro (*Sorghum bicolor*)

É uma gramínea anual, com colmos eretos, dispostos em forma de touceira e suculentos; folhas com 25 a 50 mm de largura e 50 a 100 cm de comprimento. A inflorescência é uma espiga terminal, contraída ou não, com curtas ramificações (figuras 28 e 29). Tem potencial tóxico quando consumido antes de sete semanas de brotação ou abaixo de 50 cm inclusive na rebrota. Perde a toxicidade após a floração.



Figura 28. Sorgo.
Fonte: Giselle Canini.



Figura 29. Sorgo.
Fonte: Giselle Canini.

Sintomas

- Morte súbita;
- Dispneia (dificuldade de respirar);
- Taquicardia;
- Tremores musculares;
- Incoordenação motora;
- Sialorréia (baba);
- Morte.

Tratamento/controle

- Hidratação oral ou injetável;
- Purgantes.

XV - Faveira (*Dimorphandra mollis*)

Conhecida como fava de anta, falso barbatimão, favela e faveiro. Possui folhas grandes cheias de folíolos. Seu tronco é usado como mourões de cerca. Floresce a partir de maio e seus frutos (vagens) amadurecem de julho em diante. Os frutos medem de 20 a 25 cm de comprimento por 3 a 4cm de largura (figuras 30 e 31). Experimentalmente foi comprovado que intoxicam bovinos, causando problemas entéricos e levando os animais à morte após ingerir grande quantidade de favas.

Sintomas

- Principalmente abortos, causados pelo consumo das favas, pois são muito apreciadas pelos bovinos.

Tratamento/controle

- Caso necessário, tratar retenção de placenta.



Figura 30. Faveira.
Fonte: Osvaldo Leite.



Figura 31. Faveira.
Fonte: Osvaldo Leite.

XVI - Barbatimão (*Stryphnodendron sp*)

Árvore bastante comum nos campos e cerrados do Brasil. Usada medicinalmente, devido a presença de taninos para tratar feridas e para curtir couro. É uma árvore decídua, de copa alongada, com 4 a 5 m de altura, tronco cascudo e tortuoso, nativa dos cerrados do Sudeste e do Centro-Oeste. Os frutos são vagens cilíndricas, indeiscentes, de 6 a 9 cm de comprimento, com grande número de sementes de cor parda, cuja floração ocorre em janeiro (figuras 32 e 33).

Sintomas

- Bovinos (Consumo)
 - Anorexia, apatia, emagrecimento, sonolência, hipotermia, sialorreia, lacrimejamento, erosões na mucosa bucal, tremores musculares. Fezes ressecadas, mas pode ter diarreia fétida com estria de sangue, edema submandibular, pruridos e lesões de fotossensibilização.

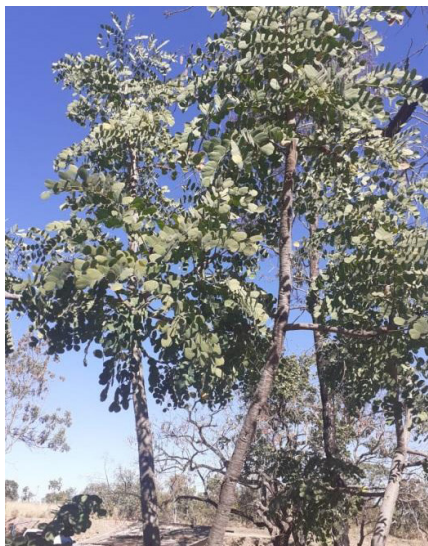


Figura 32. Barbatimão.
Fonte: Osvaldo Leite.



Figura 33. Barbatimão.
Fonte: Osvaldo Leite.

- Caprinos: apresentam os mesmos sintomas dos bovinos.

Máquinas e ventos fortes derrubam as árvores, facilitando a ingestão das folhas e vagens pelos animais e causando intoxicação.

Tratamento/controle

- Retirar os animais dos pastos.

Obs.: Eliminar as árvores é crime ambiental.

XVII–Leucena (*Leucaena leucocephala*)

Usada na alimentação dos animais, mas pode causar problemas dependendo da quantidade. É uma leguminosa perene arbustiva, originária da América do Sul, Central e Ilhas do Pacífico. Apresenta flores brancas agrupadas em uma cabeça globular, sementes elípticas, compridas e marrom-brilhante (figuras 34 e 35). As folhas e sementes contêm um alcaloide denominado mimosina glicosídica, que pode ocasionar a perda de pelo em cavalos e bovinos jovens.

Sintomas

- Anorexia;
- Empanzimento;
- Queda de pelos (equino).

Controle

- Equinos: fornecer no máximo 10% de leucena da dieta volumosa;
- Bovinos: fornecer no máximo 30% de leucena na dieta.



Figura 34. Leucena.
Fonte: Osvaldo Leite.



Figura 35. Leucena.
Fonte: Osvaldo Leite.

2-Intoxicações químicas

I- Ureia

Utilizada como suplementação, especialmente dos bovinos, buscando equivalência protéica. Causa intoxicação principalmente quando não é feita adaptação dos animais para o consumo de ureia. Apesar da ingestão menor no sal, os acidentes ocorrem em maior frequência do que quando a ureia é usada na cana ou capim.

Sintomas

- Tremores;
- Andar cambaleante;
- Sialorreia (baba);
- Enrijecimento dos membros;
- Timpanismo (empanzinamento);
- Animal caído;
- Odor de amônia na boca.

Tratamento/controle

- 2 a 5 litros de vinagre ou limão diluídos em água gelada e fornecer via oral com cuidado para que não desça para os pulmões.

II- Intoxicação por sal (NaCl)

Suínos e pintinhos são os animais mais sensíveis. Situações de restrição de água, como dias frios e instalações que não têm água disponível o tempo todo, ou cochos furados agravam a chance de intoxicação. Nessas condições, 1% de sal nos alimentos causa intoxicação nos suínos. Uma ingestão de 2 gramas de sal/kg de peso vivo já causa transtornos. Bovinos raramente são afetados por intoxicação por sal. Geralmente acontece quando se fornece grande quantidade de sal comum em intervalos maiores que dez dias, causando principalmente aborto.

Sintomas

- Aborto;
- Diarreia;
- Sede;
- Vômitos;
- Flexão do jarrete;
- Arrastamento dos membros posteriores, andar cambaleante;
- Cegueira.

Tratamento/controle

- Fornecer água em pequena quantidade várias vezes ao dia;
- Soro hipertônico;
- Suspender alimento com sal.

III – Carrapaticidas

O principal problema é causado por uso de produtos *pour on* (aplicação no dorso do animal) em dose alta ou quando é espalhado pelo corpo do animal por meio de banho ou pulverização.

Sintomas

- Salivação;
- Tremores;
- Perda de apetite;
- Animal deita e reluta em levantar.

Tratamento/controle

- Lavar o animal com água e sabão;
- Verificar na bula o antídoto indicado;
- Soros endovenoso.

IV - Raticidas

Acontece com mais frequência em suínos, quando são alimentados com material contaminado com veneno para ratos, principalmente pelo uso de varreduras de alimentos descartados de armazéns ou indústria beneficiadora de grãos.

Sintomas

- Perda de apetite;
- Hemorragia na boca e/ou narinas;
- Sangue na urina e nas fezes;
- Hemorragias espontâneas.

Tratamento/controle

- Vitamina K de acordo com prescrição de um médico veterinário;
- Oferecer alimentação de boa procedência aos animais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para a determinação do correto diagnóstico do animal, a propriedade deve ser considerada de forma global. Fatores como relevo, paisagem, qualidade do solo e das pastagens devem ser observados, pois podem ajudar a resolver diversos problemas com o rebanho. Estima-se que 10% das mortes em bovinos estão relacionadas a intoxicações e por isso é importante observar a presença de espécies potencialmente tóxicas.

As árvores de potencial tóxico para os animais que são nativas do cerrado estão sujeitas a legislação ambiental específica e não podem ser cortadas sem a autorização de supressão de vegetação nativa junto ao órgão ambiental local. Logo, o pasto deve ser implantado em local diferente da área de vegetação nativa. Em áreas de preservação permanente, como em margens de córregos e topo de morros, a criação não é permitida, portanto tais áreas devem ser cercadas e protegidas de pisoteio animal.

Espécies que apresentam propriedades medicinais aos humanos ou que funcionam como inseticidas naturais, de maneira geral, podem também ser tóxicas aos animais a depender da dose ingerida. Portanto, a presença de espécies medicinais também deve ser um sinal de alerta para o diagnóstico de intoxicação.

Assim, fica demonstrada a importância de ter a percepção da propriedade como um todo, levando em consideração os aspectos ambientais e ecológicos, além dos fatores genéticos e de nutrição do rebanho. A qualidade da pastagem e a complementação volumosa no período de estiagem contribuem significativamente para diminuição do problema de intoxicações por plantas, visto que este problema em sua maioria está relacionado a escassez de alimento. A presença de plantas potencialmente tóxicas ao rebanho deve ser um sinal de alerta para o criador, pois para a maioria das plantas, não existe antídoto específico e o tratamento é apenas sintomático e pouco eficiente.

REFERÊNCIAS

ANDRADE S. O.; MATTOS J. R. **Contribuição do estudo de plantas tóxicas no Estado de São Paulo**. Instituto Biológico: São Paulo, 1968. 101 p.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Substâncias com ação tóxica sobre animais e plantas**. Brasília: Ministério da Educação: [s.d.]. 211 p.

CADERNOS TÉCNICOS DE VETERINÁRIA E ZOOTECNIA. Minas Gerais: Conselho Regional de Medicina Veterinária do Estado de Minas Gerais, n. 49, jan. 2006.

DOWLING, R. M.; MCKENZIE, R. A. **Poisonous plants: a field guide**. Australia: Queensland, 1993. 164 p.

JAMES, L. F.; NIELSEN, D. B.; PANTER, K. E. Impact of poisonous plants on the livestock industry. **J. Range Manag.** 45:3-8. 1992. Disponível em: <https://journals.uair.arizona.edu/index.php/jrm/article/download/8675/8287>. Acesso em: 05 jan. 2021.

PEREIRA, C. A. **Plantas tóxicas e intoxicações na veterinária**. Goiânia: UFG-Cegraf, 1992. 279 p.

TOKARNIA C. H.; DÖBEREINER J.; PEIXOTO, P. V. **Plantas tóxicas do Brasil**. Rio de Janeiro: Helianthus, 2000. 310 p.

SEDE DA EMATER-DF

Parque Estação Biológica - Ed. EMATER-DF - Brasília - DF

CEP 70.770-915 | Telefone: (061) 3311-9330

www.emater.df.gov.br | e-mail: emater@emater.df.gov.br

UNIDADES LOCAIS

ALEXANDRE DE GUSMÃO

Tel.: 3540-1280/3540-1916
alexandregusmao@emater.df.gov.br

BRAZLÂNDIA

Tel.: 3391-1553/3391-4889
brazlandia@emater.df.gov.br

CEILÂNDIA

Tel.: 3373-3026/3471-4056
ceilandia@emater.df.gov.br

CEFOR – Centro de Capacitação

Tel.: 3311-9496/3311-9492
centrer@emater.df.gov.br

GAMA

Tel.: 3556-4323/3484-6723
gama@emater.df.gov.br

JARDIM

Tel.: 3501-1994
jardim@emater.df.gov.br

RIO PRETO

Tel.: 3501-1993
riopreto@emater.df.gov.br

SÃO SEBASTIÃO

Tel.: 3335-7582/3339-1556
saosebastiao@emater.df.gov.br

SOBRADINHO

Tel.: 3591-5235/3387-6982
sobradinho@emater.df.gov.br

PAD/DF

Tel.: 3339-6516/3339-6559
paddf@emater.df.gov.br

PARANOÁ

Tel.: 3369-4044/3369-1327
paranoa@emater.df.gov.br

PIPIRIPAU

Tel.: 3501-1990
emater.pipiripau@emater.df.gov.br

PLANALTINA

Tel.: 3389-1861/3388-1915
planaltina@emater.df.gov.br

TABATINGA

Tel.: 3501-1992
tabatinga@emater.df.gov.br

TAQUARA

Tel.: 3483-5950/3483-5953
taquara@emater.df.gov.br

VARGEM BONITA

Tel.: 3380-2080/3380-3746
vargembonita@emater.df.gov.br